

Ser filha, esposa e mãe: os papéis femininos no século XIX nas obras de Nísia Floresta

Luma Pinheiro Dias¹

Resumo: As mulheres eram objetos de diversos tratados nos Oitocentos, que objetivavam determinar desde sua natureza até suas funções sociais. A educação e a escrita feminina permitiram que mulheres assumissem o controle das narrativas de si, apesar de todos os limites sociais impostos. Neste contexto, Nísia Floresta (1810-1885), escritora e educadora brasileira, formatou modelos femininos que deveriam ser seguidos para garantir a elevação social da mulher e, conseqüentemente, da humanidade. Assim, este trabalho se destina a apresentar e analisar as prescrições de Nísia Floresta quanto às funções sociais desempenhadas pelas mulheres nos Oitocentos como filhas, esposas e mães. Para isso, utiliza obras da escritora, como *Opúsculo humanitário* (1853). Para a compreensão do contexto social da época, faz-se uso de Hahner (2012), Perrot (1991), dentre outros. Chartier (1990, 1991) contribui com o conceito de representação e no entendimento de que toda escrita tem um destinatário.

Palavras-chave: Nísia Floresta; Mulheres; Século XIX; Educação feminina; Escrita feminina.

Abstract: Women were the subject of several treaties in the eighties, which aimed to determine from their nature to their social functions. Education and female writing allowed women to take control of their own narratives, despite all the social limits imposed. In this context, Nísia Floresta (1810-1885), a Brazilian writer and educator, trained female models that should be followed to guarantee the social elevation of women and, consequently, of humanity. Thus, this work aims to present and analyze the prescriptions of Nísia Floresta regarding the social functions performed by women in the eighties as daughters, wives and mothers. For this, she uses works by the writer, such as the *Opúsculo humanitário* (1853). To understand the social context of the time, Hahner (2012), Perrot (1991), among others. Chartier (1990, 1991) contributes to the concept of representation and to the understanding that all writing has a recipient.

Keywords: Nísia Floresta; Women; XIX century; Female education; Feminine writing.

Being a daughter, wife and mother: female roles in the 19th century in the works of Nísia Floresta

¹ Graduada em história pela Universidade Federal do Piauí. Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: luma_pd@hotmail.com.

Nísia Floresta e a escrita em defesa da educação feminina

Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885) nasceu Dionísia Gonçalves Pinto, em Papari, Rio Grande do Norte. Adotou esse pseudônimo oficialmente em 1832, ao publicar seu primeiro livro: *Direito das mulheres e injustiça dos homens*.² A brasileira publicou mais de quinze títulos, com versões traduzidas também na Europa, onde morou durante parte de sua vida (DUARTE, 1995).

Através da escrita, Nísia Floresta defendeu o direito das mulheres à educação, acreditando ser esse o caminho para sua elevação social e contribuição para o progresso da humanidade. Mas ela foi além da escrita e fundou o Colégio Augusto em 1838, instituição dedicada a educar meninas no Rio de Janeiro, onde permaneceu funcionando por quase dezessete anos.

Os estudos sobre essa personagem feminina têm ganhado destaque nos últimos anos, especialmente graças ao trabalho de resgate de suas obras realizado por Constância Lima Duarte. Nísia Floresta é referenciada por estudiosos como a pioneira do feminismo no Brasil (SOIHET, 2005), e até mesmo na América Latina (BOTTING; MATTHEWS, 2014). Assim, é relevante conhecer e analisar as prescrições elaboradas pela escritora e educadora registradas em suas obras.

Para a análise de sua produção, Roger Chartier (1990) oferece reflexões relevantes para a construção do presente trabalho, uma vez que os discursos apresentados a seguir são representações do mundo social, pautadas em interesses particulares. Nísia Floresta escreve com objetivos aparentemente claros, para leitores específicos. Através de sua escrita ela informa a respeito de uma representação possível da situação da mulher nos Oitocentos, elaborando interlocuções com a realidade observada e construindo uma interpretação baseada em suas experiências e leituras.

Tratando de textos políticos ou administrativos, Chartier (1990, p.223-224) faz uma observação relevante para este estudo: “Todos eles supõem um destinatário, uma leitura, uma eficácia. Seria necessário relê-los sob esta perspectiva, detectando o modo como têm em conta as capacidades supostas de seus destinatários imaginados”. Adaptando aos objetos propostos, é essencial considerar para quem Nísia Floresta escreve, além das razões que motivam sua escrita.

² Inicialmente, foi publicado no jornal *O Espelho das Brasileiras*. Ao ser publicado em livro, Nísia Floresta o atribuiu a uma tradução livre do tratado de Mary Wollstonecraft, *Reivindicação dos direitos das mulheres* (1792).

As funções sociais femininas nos Oitocentos

A mulher de elite nasce para desempenhar três funções na sociedade do século XIX: primeiro é filha, devendo obediência ao pai; casa-se e vira esposa, e sua obediência passa para as mãos do marido; por fim, desempenha o papel de mãe, considerado o mais importante pela sociedade oitocentista. Assim, a grande parte dos discursos a respeito da natureza feminina concordava que sua função era servir ao homem em todas as fases de sua vida e sua atuação era valorizada no âmbito doméstico.

Foi de acordo com essas funções que Nísia Floresta elaborou seu projeto para reformar a educação feminina no Brasil. É nesse sentido que seus escritos representam prescrições para formatar modelos femininos com o objetivo de incluir as mulheres na marcha pelo progresso da humanidade. É necessário conhecer e analisar os modelos femininos formatados por Nísia Floresta, bem como aqueles veiculados pelos homens daquele período, uma vez que a escritora dialoga com intelectuais da época.

O ambiente familiar é o principal espaço de atuação feminina. Era agindo em benefício da família, com altruísmo e dedicação que as mulheres poderiam conseguir a admiração masculina. A identidade das mulheres de elite estava vinculada à estrutura familiar e era determinada majoritariamente por homens. June Hahner ressalta que a mulher era incorporada à família, não possuía individualidade nem era compreendida fora dela:

Essas mulheres viviam em estruturas culturais, sociais e econômicas majoritariamente criadas por homens e para favorecê-los, já que baseadas em ideias de superioridade masculina e de subordinação feminina. Fossem elas esposas ou filhas de membros de alto escalão do governo imperial, de homens de negócios, fazendeiros, mercadores, banqueiros ou de donos de fábricas (mais no final do século) – membros das famílias que controlavam a riqueza nacional –, seu status era derivado de suas famílias e não de si mesmas (HAHNER, 2012, p. 44).

A educação dessas mulheres, estando a cargo da família, constituía instrumento de subordinação, o que justifica os apelos constantes de Nísia Floresta aos pais de família para que permitissem a educação de suas filhas, reconhecendo que a autoridade familiar estava nas mãos dos homens. Uma educação adequada, sugeria Nísia Floresta, era necessária para que a mulher desenvolvesse suas virtudes em todas as etapas de sua vida.

Ana Cristina Pereira Lima (2020, p.309) destaca que “o ponto de partida de quase todas as argumentações em prol da educação feminina era, na metade dos Oitocentos, a ideia

de civilidade”, o que ajuda a compreender a possível motivação da escrita de Nísia Floresta e os modelos formatados por ela.

A obediência da filha

Era especialmente nessa etapa da vida feminina que deviam se concentrar os esforços em prol de sua educação, de acordo com Nísia Floresta, e quando suas virtudes poderiam ser desenvolvidas ou corrompidas. O principal modelo de menina apresentado pela escritora é o de Fany.³ É interessante observar que ao apresentar a personagem, a autora parece tê-la conhecido:

Fany frequentava um Colégio da Capital, cuja Diretora, fazendo justiça a seu merecimento, lhe havia conferido depois de algum tempo o título de Monitora. Nesse lugar a jovem educanda, longe de inspirar às suas companheiras um sentimento desfavorável, atraiu em pouco tempo pela doçura, amabilidade de caráter, e terna perseverança em transmitir-lhes as lições que recebia da Diretora, a geral estima mesmo das colegiais que não estavam sob sua direção. Seus progressos foram rápidos, todos que a conheciam admiravam-na, todos estavam maravilhados de suas nascentes qualidades; somente ela as ignorava porque a mais perfeita modéstia coroava todas as outras virtudes (FLORESTA, 2009, p. 96).

Não é possível confirmar a existência de Fany para além da escrita de Nísia Floresta, mas é provável que sua criação tenha reflexos da realidade vivenciada pela educadora no Colégio Augusto. A imagem da diretora muito lembra os relatos autobiográficos elaborados por Nísia Floresta em outros escritos.

Nísia Floresta exalta as virtudes de Fany que atraem a admiração de suas companheiras de turma, bem como da diretora, e destaca a principal delas: a modéstia. A escritora denuncia em outras obras o perigo da vaidade feminina, tal como em seu *Opúsculo*⁴ relata a morte de uma de suas alunas, “vítima da vaidade de sua mãe”. Nísia Floresta acreditava que a vaidade era outro instrumento de dominação masculina sobre as mulheres, distraíndo-as da sua verdadeira missão junto à humanidade (FLORESTA, 1989).

Fany nascera em Porto Alegre, onde residia com seus pais e oito irmãos, sendo ela a primogênita. “Contava com apenas treze anos e as felizes propensões que ela anunciava já,

³ Personagem da novela escrita por Nísia Floresta intitulada *Fany ou o modelo das donzelas* de 8 de abril de 1847, destinada para leitura das alunas do Colégio Augusto. A história se desenvolve no Rio Grande do Sul, onde Nísia Floresta morou com sua família entre os anos de 1832 e 1837.

⁴ *Opúsculo humanitário* foi publicado em 1853 pela Typographia de M. A. Silva Lima. São sessenta e dois capítulos sobre a educação da mulher. Vinte deles foram publicados anonimamente no *Diário do Rio de Janeiro* entre abril e maio deste ano. O livro é fruto das observações da escritora em suas viagens pelo Brasil e pela Europa, onde esteve entre os anos de 1849 e 1852.

prometiam aos caros autores de seus dias uma ventura que nada parecia disputar-lhes” (FLORESTA, 2009, p. 96). A menina era ciente de suas obrigações enquanto filha, como a obediência aos pais, tanto que não se envaidecia quando reconheciam suas virtudes. Apesar de sua beleza e dos progressos nos estudos, Fany sabia que suas qualidades eram um “favor da sábia Providência”.

Nísia Floresta apresenta Fany como uma menina a caminho de tornar-se uma boa mãe, uma vez que prestava auxílio à mãe nos cuidados com os irmãos e nos afazeres domésticos. Algumas das atividades desenvolvidas por Fany após completar sua educação são apresentadas:

Era ela quem dirigia sob as ordens de sua mãe todo o governo da casa; cosia a roupa de seus irmãos, tratava de sua mãe com uma devoção angélica; e longe de assemelhar-se a essas jovens que apenas deixam de ser colegiais, folgavam de haver recobrado uma coisa que chamam liberdade, e que lhes permitem dormirem até alto dia, passarem a maior parte deles despenteadas ou à janela, aborrecendo os livros, em que grande parte delas não pegam mais ou leem sem fruto. Fany, no meio de tantas ocupações, achava tempo de empregar-se em cultivar os estudos, que havia aprendido, e conservar uma correspondência diária com aquela que havia cuidado de sua educação (FLORESTA, 2009, p. 97).

A escritora segue reafirmando a solidez das virtudes de Fany, que, mesmo diante das dificuldades familiares, permanece firme no que é correto. Quando a desordem chega a Porto Alegre, naquela que ficou conhecida como Revolução Farroupilha, sua família se vê envolvida através da participação dos seus pais no conflito, mas Fany não se desvirtua diante das turbulências.

A autora destaca a atitude de Fany contrapondo-se àquela da maioria: não se junta aos revoltosos, mas permanece nas virtudes pacíficas de seu sexo, pedindo auxílio e proteção divina. A mãe da personagem se deixou levar pelas paixões do marido, especialmente quando os rebeldes têm sua primeira vitória, incentivando-o daí em diante a permanecer firme na batalha. Nesse momento, Nísia Floresta contrapõe os exemplos de mãe e filha, exaltando mais uma vez as virtudes de Fany:

A sensível Fany, pelo contrário, sem proferir uma palavra que ferisse o que seu pai, chamava de nobre patriotismo, com sua mãe apresentava, em sua mudez, um contraste singular com aquele entusiasmo, que tão pouco acordava com a doçura e timidez natural de seu excelente caráter. Ela implorava ao Criador pelos caros autores de seus dias e continuava com mais ardor nos seus exercícios diários, sem que aquela mudança política tão vantajosa para seu pai, tivesse em nada influído sobre seus hábitos ordinários (FLORESTA, 2009, p. 98-99).

Diferente de sua mãe e apesar de manter sua obediência ao pai e incapaz de questionar suas decisões, Fany permanece executando seu papel de boa filha, pedindo pela preservação da vida de seus pais, reconhecendo os males das suas atitudes. Enquanto outras mulheres abandonavam suas virtudes, suas obrigações familiares, Fany reforça ainda mais seu compromisso com as atividades domésticas, independentemente dos conflitos políticos que agitavam seu lar.

A repressão aos rebeldes levou a batalhas sangrentas, com prisões e morte dos rebeldes e daqueles que os apoiavam. Foi diante de uma batalha que a vida dos pais de Fany foi colocada em risco, situação em que agiu com “heroica coragem”, prestando socorro aos seus progenitores e a outros que necessitavam de seus cuidados:

Foi então Fany desenvolveu grandemente todas as virtudes de seu sexo: animava com suas doces carícias a mãe abatida, cuidava dos irmãos, prestava socorro aos que caíam feridos aos seus pés, rompendo suas roupas para estancar o sangue que corria de suas feridas, e impondo um religioso respeito aos soldados, que a contemplavam tão bela, e tão jovem no meio deles! (FLORESTA, 2009, pág. 100)

Diante das dificuldades, Fany, como exemplo de filha, permanece ao lado de seus pais e dos necessitados. Logo em seguida, o seu pai morre e, órfã, ela também encarou a pobreza com a devida resignação. Mesmo com a possibilidade de conseguir um bom casamento, a moça opta por permanecer cuidando de sua mãe e irmãos:

Em sua desgraça, desprovida daqueles meios que mais deslumbram os homens quando tratam de fazer uma união, ela teve partidos, mas querendo viver somente para a mãe e seus irmãos ao menos por alguns anos ainda, renunciou ao casamento e encarou resignada com sua mãe a pobreza, e o desdém de um povo, cuja causa seu pai não havia seguido. Sempre boa, sempre dócil aos conselhos dessa mãe que ela adorava, sempre modesta e atenciosa com toda sorte de pessoas, Fany em sua pobreza como no tempo de sua prosperidade, atraía a admiração dos que a conheciam (FLORESTA, 2009, p. 101).

Fany não se ressentia da perda da fortuna por si, mas pela mãe e os irmãos. Altruísta, abre mão de sua mocidade e felicidade para cuidar de sua família. Não murmurava e se mostrava uma verdadeira cristã a esperar a Providência Divina. Assim foi durante oito anos, quando o Governo Imperial finalmente declarou anistia geral, devolvendo os bens de sua mãe, e a paz para Fany, que permaneceu auxiliando na educação dos irmãos, cuidando dos afazeres domésticos e merecedora da admiração de um povo.

Por fim, Nísia Floresta deixa clara sua intenção ao escrever essa história, recomendando: “Possam todas as Donzelas e principalmente para quem escrevi esses ligeiros

traços da história de Fany, imitar suas virtudes, e exercitarem uma pena mais hábil do que a minha para descrevê-las” (FLORESTA, 2009, p.102).

Dessa maneira, é evidente que o objetivo de Nísia Floresta era atingir e modificar consciências. Através do exemplo de Fany, a autora apresenta as virtudes e comportamentos que devem ser absorvidos pelas suas alunas e leitoras externas. Caridosa, altruísta, obediente, modesta são as principais características de uma boa filha.

A história de Fany se assemelha à trajetória da autora. Assim como a personagem, Nísia Floresta vivenciou os conflitos envolvendo sua família, as perseguições antilusitanas que resultavam nas fugas constantes para outros locais, a violência é comum às duas.⁵ Fany, assim como a autora, perde o pai ainda muito jovem e se dispõe a colaborar com a mãe nos cuidados domésticos. O interesse pelo conhecimento, a admiração pelos exemplos maternos e a saudade do pai são outros pontos concordantes entre a criadora e a criatura.

Fany representa, assim, um modelo feminino a ser seguido. A fama da filha é lisonja para mãe, a prova de que era competente como matriarca e educadora. É com o pretexto de escrever para a filha que Nísia Floresta elabora manuais a serem seguidos não somente por ela e suas educandas, mas por todas aquelas que almejavam fazer parte da regeneração moral da sociedade. Conseguindo desempenhar bem o papel de filhas, logo seriam boas esposas e boas mães, contribuindo para o progresso da humanidade.

As virtudes da esposa

O casamento, além de representar a transferência da tutela da menina do pai para o marido, também representava o destino desejável para toda moça de família abastada. Tratava-se, antes de tudo, de um contrato entre as famílias dos cônjuges, que pouco ou nenhum poder de escolha possuíam. Michelle Perrot, a respeito dos arranjos matrimoniais nos Oitocentos na França, destaca que:

A escolha social do cônjuge também constitui o objeto de estratégias que ocupam o centro das atenções das famílias. A homogamia e até mesmo a endogamia são tendências consolidadas em todos os meios regionais e sociais, que também se explicam pelas formas de sociabilidade: a pessoa se casa com alguém semelhante a ela, também pelo fato de conhecer e conviver

⁵ Em princípios de 1817, vários levantes tiveram início na região de Recife, motivados pelos abusos da metrópole e conseqüente insatisfação popular, se alastrando por várias províncias do Norte, tendo como característica principal a propagação do sentimento antilusitano. Os populares atacavam propriedades de portugueses, e a família de Nísia Floresta era constantemente alvo de ameaças por parte dos nativistas. As revoltas foram logo repreendidas pelo governo português. Outra tentativa de separatismo ocorreu em 1824 e ficou conhecida como Confederação do Equador, conflito entre as forças reacionárias e as de tendência democrática e nacionalista. Cf.: DUARTE, 1995, pág.18.

principalmente com indivíduos parecidos com ela mesma (PERROT, 1991, p. 135).

O casamento entre iguais e até mesmo entre parentes foi a maneira encontrada para conservação e manutenção das riquezas das famílias de elite nos Oitocentos. Quando esposas, as mulheres assumiam um novo lugar na sociedade: ainda que sua importância continuasse limitada ao ambiente doméstico, eram valorizadas enquanto administradoras do lar. Entre suas novas funções, estavam supervisionar os trabalhos domésticos e servir ao marido.

Uma das principais fontes para conhecer o cotidiano das mulheres de elite nos Oitocentos são os relatos de viajantes estrangeiros. Hahner destaca que a partir dessa fonte é possível identificar costumes e hábitos das famílias patriarcais observadas. Afirma que:

De acordo com eles, tratava-se de famílias patriarcais, em que o pai e o marido autoritário dominava seus filhos e filhas e sua esposa submissa, ao mesmo tempo que se cercava de concubinas ou se relacionava sexualmente com escravas. A esposa, por sua vez, era uma figura indolente e passiva, que pouco saía, dava à luz um grande número de filhos e costumava abusar de seus escravos negros (HAHNER, 2012, p. 44).

Hahner (2012) ressalta que o comportamento feminino variava de acordo com a classe social. Mas é importante observar como a esposa é retratada, ainda que com generalização duvidosa. Submissa ao marido e restrita ao espaço doméstico, a casa era seu principal espaço de atuação.

A mulher permanecia como moeda de negociação, especialmente através do casamento que determinava o futuro da filha a partir dos interesses familiares. Ainda de acordo com Hahner (2012, pág.48): “Com uniões conjugais isso era bem nítido, pois, na época, do mesmo modo do compadrio, o casamento (ou melhor, o casamento legalizado) era uma forma de consolidar laços familiares existentes entre os membros da alta sociedade”.

No sertão nordestino, de acordo com Miridan Falci (2000, pág.256), “a preocupação com o casamento das filhas era uma constante”. A preocupação com o casamento surgia logo após a primeira menstruação da menina e transformava-se em angústia quando atingia os 25 anos de idade e ainda estivesse a esperar o matrimônio. Acrescenta ainda que “moça de elite casava debaixo de cuidados, observações e recomendações de toda a sociedade, entre os 15 e 18 anos, pois se passasse dos 25 anos sem casar seria considerada ‘moça-velha’” (FALCI, 2000, p. 259).

A primeira união de Nísia Floresta foi arranjada pelos pais e durou apenas meses. A escritora critica em seu *Opúsculo* os casamentos arranjados, especialmente aqueles marcados pelo interesse financeiro. Afirma:

Lição eloquentemente triste para as mulheres, de todas as condições, que se creem ao abrigo das vicissitudes da sorte só porque conseguiram tomar o nome de um homem de mérito. É trabalhando de dia em dia por adquirir a afeição e os respeitos do companheiro que lhe coube por sorte, e por tornar-se superior aos acometimentos do ciúme que a esposa consegue firmar a sua felicidade doméstica, e não por laços julgados indissolúveis e santos por aqueles que facilmente os profanam quando as paixões os agitam (FLORESTA, 1989, p. 126).

É possível que a referida citação demonstre a preferência divorcista de Nísia Floresta. A vida pregressa da escritora pode justificar essa inferência. Ainda que não seja possível comprovar a respectiva preferência, é sabido que a brasileira abandonou o primeiro casamento e anos depois elegeu um novo companheiro. Nísia Floresta destoa da sociedade oitocentista ao separar-se e contrair nova união, um provável escândalo para sua família.

Na afirmativa da escritora é perceptível que não concebe o casamento enquanto contrato capaz de assegurar a felicidade de uma mulher; coloca a esposa como principal responsável por sua própria felicidade, desde que seja capaz de conquistar a admiração do companheiro e controlar seus ciúmes. A escritora reconhece o poder da esposa, que naquele momento era confrontado com o poder majoritário do marido sobre a instituição familiar.

Mulher submissa e virtuosa eram praticamente sinônimos para a sociedade dos Oitocentos; era obrigação feminina obedecer, no máximo aconselhar filhos e maridos, mas sabendo acatar com brandura suas decisões, ainda que envolvessem seu próprio destino. Quando se ouviam discursos visando à valorização feminina, eles reforçavam os papéis sociais já delimitados.

As funções da esposa também são objeto de interesse de Nísia Floresta. Ela prescreve em suas obras o modelo ideal de esposa. Defende que o casamento deveria ser entendido enquanto união de iguais, como é possível identificar na seção dedicada a tratar a Alemanha e seus avanços quanto à valorização feminina em seu *Opúsculo*, ressaltando que: “O legislador alemão, quando estabeleceu no casamento a igualdade entre os sexos, compreendeu, melhor que nenhum outro, a sabedoria do Eterno, doando ao homem e à mulher a mesma inteligência” (FLORESTA, 1898, p.17).

Acreditava-se que a mulher não passava de um homem mal formado. Nesse sentido, a mulher estaria completa apenas a partir do estabelecimento de relação com um homem. O

casamento era a ponte fundamental para que isso fosse possível. Os discursos masculinos salientavam a importância da mulher na sociedade, desde que seu poder estivesse restrito ao doméstico. Assumiam a existência do poder oculto da mulher, agindo corretamente elas conseguiriam transformar o homem e ter seus desejos prontamente atendidos. Tais afirmações visavam conter os discursos femininos, afirmando que fora do ambiente doméstico a mulher perderia sua superioridade moral.

John Stuart-Mill (1806-1873), escrevendo em defesa da igualdade entre os sexos, reconheceu que a insegurança masculina diante da possibilidade do abandono das funções domésticas estava relacionada aos discursos que reafirmavam a subjugação feminina ao homem. Stuart-Mill foi um “crítico da moralidade e dos costumes de sua época”, e de acordo com seu discurso as mulheres possuíam qualidades específicas ao seu sexo e “tudo aquilo que é válido com respeito à natureza e à felicidade do homem, também é válido para a mulher” (GINZA, 2006, p. 10). Destaca:

Sobre o outro ponto que envolve a igualdade justa das mulheres, ou seja, sua aceitação em todas as funções e ocupações até aqui retidas como monopólio do sexo mais forte, devo antecipar que não há nenhuma dificuldade em convencer qualquer pessoa que tenha acompanhado o assunto de igualdade das mulheres na família. Acredito que a limitação delas em outras áreas é mantida a fim de preservar sua subordinação à vida doméstica porque a maioria dos homens ainda não consegue tolerar a ideia de viver em igualdade (STUART-MILL, 2006, p. 75).

Stuart-Mill também reconheceu que a inferioridade feminina era reforçada pela educação ministrada às mulheres, que desde a infância eram ensinadas a serem submissas a uma figura masculina. O autor reivindica a igualdade entre os sexos como o caminho para a felicidade plena, especialmente entre os cônjuges. Dentre os benefícios decorrentes das mudanças dos costumes e instituições, cita: “A vantagem de ter a mais universal e duradoura de todas as relações humanas regularizadas pela justiça e não pela injustiça” (STUART-MILL, 2006, p.114), e também “o de dobrar a qualidade de faculdades mentais disponíveis para o serviço mais elevado da humanidade” (STUART-MILL, 2006, p.118). Por fim, cita o que para ele é o mais importante benefício: “O proveito indescritível da felicidade privada para a metade da espécie que foi libertada: a diferença para elas entre uma vida de sujeição aos desejos dos outros e uma vida de liberdade racional” (STUART-MILL, 2006, p.134).

Dessa maneira, é evidente que o casamento e a família são constantemente revisitados através dos debates envolvendo as diferenças sexuais e o lugar em sociedade reservado às

mulheres. Nísia Floresta defende que a igualdade entre os cônjuges era inviável diante da educação precária oferecida às brasileiras, ressaltando a necessidade de reformá-la.

Tratando das mulheres inglesas, Nísia Floresta afirma que compreendiam “muito cedo a nobreza do sexo a que pertence e a importância do cumprimento de seus deveres” (FLORESTA, 1989, p.23). Afirma que:

A mulher inglesa não vê, como geralmente aquelas [francesas], no casamento, um estado que as liberta do jugo de solteira e lhes permite uma liberdade de que nem sempre fazem bom uso. Pelo contrário, é neste novo estado que começa para ela a prática de todas as virtudes da vida doméstica (FLORESTA, 1989, p. 24).

Para a escritora, a consciência das mulheres inglesas quanto aos seus deveres para com a sociedade advinha da educação recebida desde a infância. Assim, estavam aptas a desenvolver todas as suas virtudes no casamento. Nísia Floresta concebe o casamento como momento para que as mulheres coloquem em prática as virtudes cultuadas através da educação. Destaca que “é ainda só à educação eminentemente religiosa da mocidade inglesa que se deve atribuir essa grande diferença” (FLORESTA, 1989, p.24) entre inglesas e francesas, e também, brasileiras.

No caso específico do Brasil, Nísia Floresta critica a ignorância reservada às mulheres, que compromete a felicidade do lar. Ao contrário de garantir uma educação capaz de despertar as virtudes femininas, de acordo com a escritora, os discursos masculinos exaltavam a fraqueza como atrativo e os adornos e vaidade como formadores da beleza feminina. Sendo assim, as esposas estavam mais preocupadas com futilidades e não no cultivo das virtudes.

Indaga:

Qual é aí o homem razoável e honesto, que se contente de uma esposa, que prefere passar no seio dos prazeres do mundo entregue às futilidades de uma vida de dissipação e indolência, antes que no empenho constante de restabelecer seu direito aos gozos razoáveis, e de ilustrar-se pela prática das virtudes que honram a espécie humana e contribuem para a felicidade? (FLORESTA, 1989, p. 61)

Nísia Floresta relaciona assim as virtudes da esposa com a felicidade do marido. Mas complementa: apenas a educação pode oferecer as condições para o amplo exercício das virtudes femininas. Caso contrário, o casamento não seria estabelecido entre iguais, e, ao invés de uma esposa, os homens teriam uma escrava e seriam senhores, não maridos, como pretendiam alguns personagens da época.

A educação feminina seria o caminho possível para estabelecer uma união entre iguais. A esposa desenvolveria suas virtudes adequadamente se devidamente instruída; para isso, era necessário reconhecer a capacidade feminina de aprender e ensinar. As funções de administradora do lar e conselheira do marido estavam prejudicadas pela educação precária oferecida às mulheres. Quanto à vida conjugal ideal, Nísia Floresta indaga:

Que outra coisa é mais doce sobre essa terra de exílio, mais terna, mais digna e santa do que essa vida conjugal; esta vida suave e constante harmonia de dois corações amantes, que dirigem-se em concórdia pela senda de todas as virtudes domésticas e sociais, para o último beatífico fim do homem? (FLORESTA, 1997, p. 139)

A escritora não menospreza a união conjugal entre homem e mulher, desde que fossem igualmente instruídos e que o homem, livre das paixões carnis, reconhecesse em sua mulher uma companheira, auxiliadora nas decisões, participante na construção da família. Ela denuncia que os homens:

Tudo fizeram dela até agora, a não ser, o centro comum, de onde devem emanar todas as boas inspirações, todos os amáveis e prudentes conselhos para ajudá-los no caminho difícil da vida em direção à universal conquista do progresso verdadeiro. Por quanto, se diga e se faça, todos sabemos que a mulher sempre teve um grande ascendente sobre o homem; mas desgraçadamente são quase sempre menos dignas de exercitar esse privilégio, sem outro fim que o de satisfazer os seus gostos pessoais. (FLORESTA, 1997, p. 123)

Assim, Nísia Floresta compreende a esposa enquanto conselheira do marido, desde que fosse devidamente educada para desempenhar suas funções. O homem, ao negligenciar a educação feminina, estava negligenciando a si, ao casamento e sua família. Ela propõe o questionamento: “Se a mulher fosse sempre educada para sair-se como deveria ser, ver-se-ia por ventura o resultado da sua influência tornar-se aqui e ali muitas vezes mais nocivo que proveitoso à felicidade dos homens?” (FLORESTA, 1997, p. 125).

A mulher indígena é citada como exemplo de esposa virtuosa por Nísia Floresta. Apesar de ter seu povo dizimado, humilhado pelo colonizador que foi incompetente em promover a educação religiosa e moral entre os indígenas, as suas mulheres conservaram virtudes inigualáveis. A escritora afirma:

Não obstante, porém, essa conduta e a falta absoluta de educação moral, as indígenas fornecem exemplos de virtudes e heroísmo que poderiam ser colocados a par dos que têm apresentado as mulheres civilizadas de todos os tempos e nações, com o duplo merecimento de serem tais exemplos promovidos pela espontaneidade, que não pelo cálculo que preside de

ordinário às grandes ações dos povos civilizados (FLORESTA, 1989, p. 147).

Estabelecendo uma comparação entre indígenas e mulheres ditas civilizadas, Nísia Floresta esclarece a supremacia moral das primeiras, vantagem oriunda da própria natureza, uma vez que é resultado da espontaneidade e não da educação viciosa que era ministrada às brasileiras.

Como esposa é terna, previdente, dedicada e fiel. É uma mulher capaz de grande abnegação pessoal, guerreira. É fiel ao marido e ao casamento, é boa mãe. Quanto à afirmativa de que elas seriam preguiçosas, Nísia Floresta diz que são assim consideradas injustamente, pois em algumas aldeias as mulheres trabalham mais que as mulheres pobres das cidades. São ainda mais indicadas para o cuidado com as crianças, mais asseadas, fiéis e submissas. Nísia Floresta critica o extermínio dos índios e a negligência para com sua educação:

Não podemos, portanto, ver sem mágoa e indignação o desaparecimento em que se têm os aborígenes, quando de grandes virtudes são capazes e tão úteis nos podiam ser. (FLORESTA, 1989, p. 146)

Negligenciando-se a civilização dos selvagens, tem-se não somente tirado ao Brasil os seus mais legítimos e empenhados defensores, mas também, a todos os seus filhos, a vantagem de serem servidos por braços livres dos que, nascendo em nosso mesmo solo, não nos teriam por sem dúvida transmitido vícios estranhos, inextinguíveis calamidades. (FLORESTA, 1989, p. 153)

Se anteriormente a autora questionou o uso da mão de obra do escravo negro e sua presença no cotidiano das famílias brasileiras, no referido trecho fica evidente sua defesa ao uso da mão de obra indígena livre, pois acreditava que o convívio com os índios acarretaria ganhos morais, bem como evitaria a entrada de vícios que chegariam com os negros. A autora reivindica a valorização da mulher indígena, bem como sua educação. Critica os governantes e o clero, que, sendo os primeiros responsáveis por instruir e educar essas mulheres, lhe deram provas de promiscuidade. A autora defende que:

Ela é digna de ocupar outra posição em nossa terra, e que o desprezo com que foi sempre e continua a ser olhada a sua raça pelas nossas outras populações, é um abuso antinacional, anticristão, que os nossos governantes e o nosso clero devem fazer desaparecer, empregando, por bem da pátria e da Igreja, meios mais próprios e seguros para consegui-lo. (FLORESTA, 1989, p. 156)

Sendo a mulher indígena virtuosa antes mesmo de receber uma educação religiosamente moral, a autora acreditava que, se instruída corretamente, poderia ser de

grande utilidade para a humanidade. Toda mulher deveria ser educada para que assim pudesse contribuir para o progresso e regeneração moral da humanidade.

Nísia Floresta prescreve o modelo ideal de esposa esclarecida. Recomenda:

Esposa! Guardai intacta a vossa fé que jurastes ao homem por vós escolhido, e fazei vossa delícia em dar-lhe prova (primeiro com uma doçura cheia de dignidade, depois com uma verdadeira e terna solicitude em fornecer-lhe tudo que possa ser-lhe útil e agradável) de que vós sois para ele não apenas um autômato, mas uma amiga circunspecta e devota, companheira inseparável e necessária à sua vida em qualquer vicissitude; nem esqueçais um só momento este já notório mas sempre novo axioma: a honestidade da esposa é perpétuo ornamento da família. (FLORESTA, 1997, p. 135)

Logo, a esposa, segundo o projeto da escritora, deveria ser fiel, doce, digna, amiga e companheira do marido e honesta. Acrescenta ainda que seria a esposa a responsável pela ordem e harmonia da casa, bem como pela higiene da família. À esposa caberia a capacidade de “saber identificar a hora e o lugar para manter a dignidade na submissão, e a autoridade na obediência” (FLORESTA, 1997, p. 135).

Nísia Floresta não questiona o casamento ou a família dos Oitocentos com o intento de transformá-los, mas de aperfeiçoá-los. E isso só seria possível quando as mulheres tivessem desde a infância acesso à instrução e à educação religiosa e moral, projetada para o desenvolvimento das virtudes femininas. A mulher dentro da família constituía peça fundamental na transformação e regeneração da sociedade.

É evidente que a escritora não reivindicava a emancipação feminina do lar, mas, sim, sua emancipação intelectual, visando ao bem da família e conseqüentemente da sociedade, uma vez que concebia o lar como o primeiro espaço de aprendizagem para o indivíduo, e o convívio com a família o primeiro modelo de comportamento a ser seguido. A mulher enquanto esposa teria papel decisivo na vida do marido e, com a chegada dos filhos, deveria ser sua preceptora, desde que fosse educada para assim atuar.

O altruísmo da mãe

A valorização da maternidade nos Oitocentos estava ligada diretamente aos discursos que buscavam a valorização da mulher. Esse era o destino de toda mulher. No entanto a forma de vivenciá-lo era diversa. Foi observando o comportamento materno no Brasil e Europa que Nísia Floresta forjou o modelo ideal de ser mãe, função reconhecida como essencial para a regeneração moral da humanidade.

Elizabeth Badinter ressalta aspectos relevantes para o estudo da maternidade, considerando que a mãe é “uma personagem relativa e tridimensional”. Esclarece:

Relativa porque ela só se concebe em relação ao pai e ao filho. Tridimensional porque, além dessa dupla relação, a mãe é também uma mulher, isto é, um ser específico dotado de aspirações próprias que frequentemente nada têm a ver com as do esposo ou com os desejos do filho. (BADINTER, 1985, p. 24)

Sendo assim, é necessário considerar as referidas características para compreender a amplitude do projeto elaborado por Nísia Floresta em busca de formatar a mãe ideal. A brasileira reconhecia o caráter relacional das funções femininas, daí a ideia defendida constantemente de que, ao ter acesso à educação, a mulher não garantiria benefícios apenas para si, mas para a humanidade.

Badinter destaca que a valorização da maternidade se fortaleceu em fins do século XVIII e se intensificou nos Oitocentos. “É no último terço do século XVIII que se opera uma espécie de revolução das mentalidades. A imagem da mãe, de seu papel e de sua importância, modifica-se radicalmente, ainda que, na prática, os comportamentos tardassem a se alterar” (BADINTER, 1985, p. 144). O desleixo da mãe para com a educação de seus filhos e o desinteresse em amamentar são permanências que viraram alvo das críticas de Nísia Floresta.

O principal responsável pelo fracasso da mulher enquanto mãe era o homem que negava seu direito à educação, impossibilitando o desenvolvimento das virtudes naturais femininas. A educação feminina era essencial para o cumprimento das funções maternas. Dentre elas, Nísia Floresta destaca a de preceptora dos filhos, pois:

Uma mãe bem educada e suficientemente instruída para dirigir a educação de sua filha obterá sempre maiores vantagens, aplicando-se com terna solicitude a inspirar-lhe como emulação o sentimento da própria dignidade, que qualquer diretora não conseguiria obter de suas educandas. (FLORESTA, 1989, p. 91)

Apesar de defender o aperfeiçoamento e o aumento de instituições de ensino para meninas, a escritora acreditava que uma mãe devidamente instruída era insubstituível, capaz de despertar nobres sentimentos nos filhos. No entanto, ela constata o atraso da educação feminina no Brasil e os prejuízos para o cumprimento adequado dos deveres maternos. As mães brasileiras ignoram a importância do seu papel na vida dos filhos. Destaca:

A elas, pois, incumbe particularmente prevenir ou corrigir as faltas dos primeiros anos, convencida de que é um absurdo pretender que as meninas a cuja educação doméstica não presidem os bons exemplos e o empenho

constante de bem dirigi-las possam depois aproveitar, em toda amplidão, as boas lições que por ventura venham a receber. (FLORESTA, 1989, p. 112)

Sendo assim, a mãe deveria acompanhar o desenvolvimento intelectual e moral dos filhos, corrigindo-os quando necessário. Complementa:

Atentem todas as mães brasileiras – como convém ao seu próprio interesse, à dignidade da família e à glória da pátria na autora do seu engrandecimento – para as propensões de suas filhas, e empreguem todos os seus esforços para arredá-las a tempo de tudo quanto possa animar as más e enfraquecer as boas, evitem-lhes, sem que elas se apercebam em companhia de quem quer que seja, longe de suas vistas ou das de preceptoras esclarecidas e dignas de confiança. (FLORESTA, 1989, p. 112)

A mãe, de acordo com Nísia Floresta, também deveria inspirar no coração de suas filhas a doçura, afastá-las dos exemplos de vaidade e de orgulho, prepará-las física e moralmente desde a infância. Deveria habituar as filhas ao trabalho, reconhecendo como uma virtude necessária e não digno de desdém, afastá-las de futilidades que lhes distraíam da sua verdadeira missão.

Outro dever materno era o de afastar dos filhos o “espetáculo de uma opressão cruel” (FLORESTA, 1989, p.116), a escravidão. Deveria dirigir os escravos como cristã, caridosamente. Recomenda para as mães quanto aos seus filhos: “Ensinai-lhes cedo a olhá-los como nossos semelhantes e, por conseguinte, dignos de nossa comisseração no estado a que os reduziram nossos maiores” (FLORESTA, 1989, p.116). Nísia Floresta defende que negros e brancos são semelhantes e que uma boa mãe ensinaria aos seus filhos a compaixão diante da situação de subjugação em que se encontravam os primeiros.

Como mencionado, a escritora critica o sistema escravista no Brasil e sua influência no cotidiano das famílias. Sua preocupação se estende ao costume das mães de recorrerem às amas de leite para cuidarem dos filhos recém-nascidos. Considerando um prejuízo que poderia ser fatal à infância, Nísia Floresta classifica a prática enquanto crime e deixa evidente sua insatisfação quando afirma: “nada nos parece tão revoltante como ver uma mãe, sem causa justificada pela natureza, consentir que seu filho se alimente em seio estranho” (FLORESTA, 1989, p. 93).

A escritora ressalta que a prática não teve início no Brasil, mas em países europeus. De acordo com ela, o caso brasileiro era ainda mais grave:

Se Rousseau, com seu *Emílio*, fez corar as mães francesas pelo esquecimento em que estavam desse primeiro dever da maternidade, em França, onde as amas têm mais ou menos alguma educação e se distinguem pelo asseio, o que sentiriam as mães brasileiras que bem compreendessem aquele livro, à

vista de seus filhos pendentes no seio de míseras africanas, que passam, muita vez, do açoite na Casa de Correção ou nas dos próprios senhores, ao berço do inocente para oferecer-lhe seu leite? (FLORESTA, 1989, p. 93)

O hábito de entregar o recém-nascido ao cuidado de terceiros era prática difundida e apoiada por diversos intelectuais na sociedade europeia até meados no século XVIII, como destaca Badinter. No entanto, com a valorização da criança, a mãe ganha destaque, seus cuidados são alvo de constantes especulações, bem como a ideia de um sentimento genuinamente materno:

Após 1760, abundam as publicações que recomendam às mães cuidar pessoalmente dos filhos e lhes ‘ordenam’ amamentá-los. Elas impõem, à mulher, a obrigação de ser mãe antes de tudo, e engendram o mito que continuará bem vivo duzentos anos mais tarde: o do instinto materno, ou do amor espontâneo de toda mãe pelo filho. (BADINTER, 1985, p. 144)

As mães eram incentivadas a assumir os cuidados com os filhos, e a mulher que secundarizava as atividades entendidas como maternas passaram a ser recriminadas. Badinter informa que parte das mulheres se mostraram receptivas às novas recomendações, especialmente motivadas pelos discursos que ofereciam felicidade e igualdade (BADINTER, 1985). A autoridade sobre a família permanecia nas mãos do marido, mas a mãe dedicada assumia um novo lugar, sendo a responsável pelo bem-estar familiar.

A maternidade é evocada enquanto função natural da mulher. Renegá-la é desprezar a própria natureza. Esse é também o discurso defendido por Nísia Floresta, especialmente no ensaio *A mulher*, publicado originalmente em 1859, traduzido para o inglês por Lívia Augusta e publicado em 1865 em Londres. A escritora critica as mães francesas pelo abandono de seus filhos aos cuidados de amas de leite e novamente prescreve comportamentos e sentimentos que deveriam ser compartilhados entre as mulheres.

Nísia Floresta relata a visita de duas mulheres a uma aldeia distante, na França. O motivo da viagem é esclarecido pela autora: “porque as duas poderosas vozes da amizade e do sangue fizeram-se ouvir naqueles dois corações: porque ali vive o pobre anjinho abandonado em mãos mercenárias” (FLORESTA, 1997, p.85). A autora se propõe a denunciar a realidade por trás de tal prática. Nísia Floresta (1997, p.87) descreve o local como:

Um úmido aposento, sem ar, com assoalho de pedras disformes cobertas de lodo; uma janela, ou melhor, um buraco, jogava como que uma réstia de luz sobre os sujos e velhos móveis que entulhavam aquela caverna humana, onde a panela de domingo fervia no enegrecido fogão. Uma cama, cujo escuro baldaquino combinava com o restante dos objetos espalhados aqui e ali, anunciava a desordem e a falta de qualquer asseio. A eira lotada de pútrido estrume tresandava, não menos que o quarto contíguo, um odor

desagradável impossível de suportar... As duas mulheres entreolharam-se sem que pudesse dizer palavra.

A descrição tem o objetivo de impactar o leitor, despertar sua sensibilidade e contrapor a ideia de que o campo seria melhor para a saúde das crianças. Descreve um local insalubre, inapropriado para o desenvolvimento físico de qualquer um, especialmente para crianças que melhor estariam na casa paterna. A escritora se dirige às mães capazes de abandonar seus filhos em locais semelhantes ao descrito:

Ó mães sem coração, que abandonais os mais sagrados deveres da natureza, destacando de vosso seio os próprios filhos, esta parte de vossa alma, para mandá-los sugar um leite estranho em alguma longínqua aldeia, onde não dais depois o ar de vossa presença! A vós, somente, quero narrar o que vi: ante os vossos olhos quero eu delinear o deplorável quadro que partiu-me o coração, e que verbalizará o processo de vossa desnaturação face às gerações porvindouras! (FLORESTA, 1997, p. 87)

De acordo com o referido trecho, fica evidente a relação que a escritora estabelece entre a maternidade e a natureza, bem como sua indignação diante do abandono dos filhos. Nísia Floresta também esclarece que não é apenas observadora da história que conta, mas personagem. Ela era uma daquelas mulheres a visitar a aldeia, o que lhe confere poder maior sobre aquilo que se propõe a analisar. A outra era avó do menino.

A preocupação da escritora com o “leite estranho” oferecido aos filhos é compartilhada naquele momento pelos discursos higienistas que identificam o leite como condutor de doenças físicas e morais. Nísia Floresta acreditava que os vícios eram transmitidos através do aleitamento, o que também justificava a necessidade de formar mulheres moralmente capazes de desenvolver tal tarefa.

Diante da cena observada, a brasileira decidiu permanecer mais algum tempo na aldeia para auxiliar nos cuidados com a criança encontrada debilitada e também “para melhor estudar esses hábitos que, embora enojantes, me interessam”. Informa que sua companheira de viagem retornou em seguida para Paris, a fim de tentar convencer o genro a resgatar o menino e que a cena vivenciada por ambas a sensibilizou apenas por se tratar de seu neto. Mas, para Nísia Floresta, “cenas desse tipo, por serem novíssimas para mim, causavam-me não menos surpresa do que horror” (FLORESTA, 1997, p. 93-95).

A autora segue a narrativa em primeira pessoa, relatando suas experiências naquela aldeia, as crianças que lá residiam e as conversas com as amas responsáveis por elas. E destaca que o quadro observado lhe despertou o interesse em escrever sobre o sagrado dever

materno. Nísia Floresta culpa a descrença como causa principal dos horrores observados, descrença oriunda da educação. Afirma:

A educação moral, de que tenciono aqui falar, falta geralmente por toda parte; por toda parte é esboçada, não sendo em parte alguma levada a cabo. Daí a origem e a causa capital de todos os males morais que afligem, e afligirão ainda por muito tempo o gênero humano. (FLORESTA, 1997, p.111)

Nísia Floresta ressalta novamente a importância de promover uma educação moral para as mulheres, denunciando que, apesar de muito discutida, é dificilmente constatada na prática. A prova estava nas situações observadas na referida viagem. A precariedade da educação das mulheres causava danos para a humanidade e não somente para o gênero feminino. A moral defendida pela escritora estava ligada indissociavelmente à religião. A escritora segue ressaltando o que seria ser mãe dentro de uma concepção moral:

Mãe! Esta, ó mulheres, esta é a um só tempo a vossa mais doce, mais nobre, mais relevante obra a cumprir. Ser mãe, no sentido moral, não consiste em se ter filhos, mas em saber bem educá-los, procurando desenvolver convenientemente seus corações, dirigir as suas boas disposições, pôr todo cuidado nessas plantinhas que o Ser supremo vos confia, e de desembaraçá-las atentamente das ervas daninhas que desabrocham ao seu redor. (FLORESTA, 19991, p. 111)

Nísia Floresta reforça o discurso dominante que buscava a valorização da maternidade através do ideal de felicidade individual e familiar. A plenitude de ser mulher estava relacionada com a maternidade que, nas palavras da escritora, ia além de ter filhos, envolvia amamentar, educar, e outras práticas com os filhos. Entre as vantagens de assumir a maternidade enquanto missão natural, estava conquistar a admiração dos filhos, da sociedade e do marido.

Badinter destaca que tais discursos são encontrados especialmente na escrita do século XVIII, prevalecendo em momentos posteriores. Dentre os escritores citados, está Rousseau que defendeu que a amamentação oferecia às mulheres o carinho dos filhos e a fidelidade do marido. Quando as mulheres resistiam aos argumentos de beleza e felicidade, Rousseau lhes oferecia a glória; o respeito do público (BADINTER, 1985).

Nísia Floresta ressalta o fortalecimento da união entre marido e mulher diante do nascimento de um filho, como é possível constatar:

Um filho é o mais forte e mais duradouro liame que une o homem à mulher. Quantas entre vós gozam ainda da estima dos próprios maridos, por nada mais senão porque um filho redobra a corrente que os une a vós, e que

vossas atitudes não souberam dourar, apertando-a sempre mais, como podereis ter feito desde o princípio. (FLORESTA, 1997, p. 141)

E o laço seria ainda mais forte se a mulher assumisse as devidas responsabilidades maternas:

Quanto mais, ainda, não obtereis se, mãe na plena acepção do termo, guardando junto a vós esses anjos tutelares dos muros domésticos, apresentásseis a cada dia ante os olhos do pai deles o eloquente quadro das ternas solitudes, e da sabedoria com que zelais pela sua educação física e moral? (FLORESTA, 1997, p. 141)

Nísia Floresta afirma que a mulher é onipotente sobre o homem desde que saiba como prendê-lo e que para fazer isso basta que seja uma boa mãe. Recomenda: “começais por não confiar a ninguém vossas crianças, e ide formando nelas um coração terno sem fraqueza, uma mente sólida sem orgulho, uma crença sincera, fervorosa, iluminada” (FLORESTA, 1997, p.143).

A autora reforça o ideal de mãe enquanto preceptora dos filhos, responsável pela sua educação e formação intelectual e moral. Caberia a ela incentivar o cultivo de virtudes em suas filhas, preparando-as para desempenhar adequadamente as funções para as quais foram criadas. As mães deveriam agir amorosamente, sendo simples, francas, autênticas, justas e modestas, especialmente diante dos filhos para lhes servirem de exemplo. Deveriam, ainda, mostrar o trabalho como “manancial de todos os bens, como uma grande e nobre virtude que supera todas as dificuldades para revelar ao homem o único porvir digno dele” (FLORESTA, 1997, p.147).

Considerações finais

Assim, Nísia Floresta prescreve comportamentos, sentimentos e funções específicas a serem desempenhadas pelas mulheres com o objetivo de promover a regeneração moral da sociedade e o progresso de todos os homens. A mulher, de acordo com ela, seria peça fundamental em qualquer projeto que intencione uma transformação social. Mas sua contribuição estava diretamente ligada ao grau de educação recebida. A escritora sintetiza a tríplice função feminina em seu *Opúsculo*. Destaca:

Filhas, elas respeitam seus pais, lamentando no silêncio d'alma suas faltas, seus crimes, se os cometem, sem que a mais ligeira censura lhes escape dos lábios. Esposas, seu coração se compenetra religiosamente de seus deveres, e folgam de sacrificar a seus esposos toda a ventura de sua vida, antepondo à sua inconstância ou à sua dureza a incessante prática das virtudes

domésticas. Mães, dirigem com perseverante zelo a educação de seus filhos, afastando-os dos cardos que lhes juncam o trânsito da primeira mocidade, e chorando seus desvios quando não podem deles preservá-los. (FLORESTA, 1989, p.104)

Sem educação adequada, as mulheres permaneceriam escravas das vontades masculinas, incapazes de desenvolver suas virtudes. Reconhecendo a influência exercida pela mulher sobre o homem, a escritora reitera a necessidade de reformar a educação feminina para então reformar o homem. A mulher, agindo no ambiente doméstico, influenciando os homens ao seu redor, estaria conseqüentemente agindo sobre o espaço público, dominado pelo sexo masculino.

REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BOTTING, Eileen Hunt; MATTHEWS, Charlotte Hammond. Overthrowing the Floresta–Wollstonecraft Myth for Latin American Feminism. **Gender & History**, v. 26, n.1, pág.64-83, abr. 2014.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1990.
- DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta: vida e obra**. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.
- FALCI, Miridan B. Knox. Mulheres do sertão nordestino, In: DEL PRIORI, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000. pág.241-277.
- FLORESTA, Nísia. Fany ou o modelo das donzelas. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Inéditos e dispersos de Nísia Floresta**. Natal: EDUFRN, 2009. pág.95-102.
- FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário**. São Paulo: Editora Cortez, 1989.
- FLORESTA, Nísia. Máximas e pensamentos para minha filha. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Inéditos e dispersos de Nísia Floresta**. Natal: EDUFRN, 2009, pág.23-29.
- FLORESTA, Nísia. **Cintilações de uma alma brasileira**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.
- GINZA, Débora. Apresentação. In: STUART-MILL, John. **A sujeição das mulheres**. São Paulo: Editora Escala, 2006. pág. 9-10.
- HAHNER, June E. Honra e distinção das famílias. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.
- STUART- MILL, John. **A sujeição das mulheres**. São Paulo: Editora Escala, 2006.
- PEREIRA LIMA, A. C. Meninas órfãs, irmãs vicentinas e profissionalização feminina no século XIX em Fortaleza (CE). **História Revista**, [S. l.], v. 25, n. 2, pág. 309-330, 2020.
- PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. pág.121-185.
- SOHIET, Rachel. Nísia Floresta e mulheres de letras no Rio Grande do Norte: pioneiras na luta pela cidadania. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, pág.179-199, jan./abril. 2005.

Recebido em: 01 de junho de 2021.

Aprovado em: 28 de dezembro de 2021.